

## Alguns aspectos sobre o corpo humano na história e vida da Igreja católica ocidental \*

### Introdução

Neste contexto é-nos solicitada uma breve intervenção para situar os aspectos mais relevantes no ensino e vivência eclesial no respeitante ao corpo humano. O que se pretende é que, após as várias intervenções da mesa, seja possível estabelecer um diálogo alargado e esclarecedor sobre este assunto fulcral da vida pessoal, eclesial e social. Efectivamente o assunto é vasto e complexo: o corpo humano é máscara que tanto revela como esconde; e sobre a matéria haverá aspectos evidentes, outros da ordem do opinável, consoante o ponto de vista antropológico, filosófico, psicológico, estético, social ou moral em que cada pessoa se situa. É que a escala de valores adoptada é fundamental para determinar os critérios de avaliação. O essencial é que, sem preconceitos nem resistência à mudança sensata, tentemos estar à escuta atenta uns dos outros, no respeito pelas legítimas diferenças.

1. Visto que a Igreja peregrina no tempo e em espaços aculturados, cujos valores deverá ponderar, assimilar e integrar, as formas e modalidades de acolher e transmitir os valores são variáveis. No que diz respeito ao *significado do corpo humano vivo*, depende pois das circunstâncias culturais, éticas e estéticas envolvidas, assim como da filosofia da vida predominante, temperadas pela fé vivenciada e a respectiva reflexão teológica envolvente. Nos meios mais fechados vive-se quase com a repetição de modelos. Nós somos pois marcados pelas circunstâncias de espaço e tempo integrados nos vários ecossistemas; e a pessoa, como sistema aberto que é, recebe do meio informações que selecciona e integra por referência a experiências anteriores e aos valores assimilados, orientadores da conduta pessoal.

De passagem evocaria, de modo simplificado e até redutor, os conceitos transmitidos na catequese da minha Paróquia, que era semelhante às do tempo. Neste domínio, a «Peregrinação Interior», de Alçada Baptista, é um bom documento. Era linearmente ensinado que a alma humana tinha que se haver com três funestos e poderosos inimigos: o mundo, o demónio e a carne. Na linguagem dos pregadores avinagrados insistia-se no *único necessário*: *salvar a alma*. Em ter-

\* Texto transcrito da gravação duma mesa redonda sobre o «Mistério do Corpo Humano».

mos pastorais e sociológicos, falava-se do número de almas que constituíam as paróquias; o Pároco ou o Bispo, eram os Pastores de um determinado rebanho de almas que peregrinavam nas respectivas freguesias ou dioceses.

Por seu lado a moral sexual, e nomeadamente a partilha e comunhão conjugal, eram encaradas com suspeita, de modo depreciativo, quando não perigoso, quase um mal menor a tolerar o menos possível. O sacramento do matrimónio tinha como fim a legal reprodução humana e ainda remédio para a concupis-cência dos mais fracos. E, por inadequada interpretação do Génesis, o parto deveria ser doloroso. A resistência ao uso dos analgésicos foi longa.

A perspectiva litúrgica, a prática pastoral e até a arte religiosa, tenderam a *sobrevalorizar o sofrimento físico*. Na Quaresma todas as imagens das igrejas eram mascaradas de cor rôxa. A *ascese* de tipo estóico era promovida sob as mais variadas formas de *privações* — depreciando o significado e valor do prazer, nomeadamente corporal, desenvolvendo mesmo o «desprezo» do corpo infligindo-lhe *flagelações*. Houve um tempo em que se desenvolveram a arte e a técnica de requintados instrumentos de suplício religioso; para purificar a alma, castigava-se o corpo com jejuns, abstinências, complementados com suplícios físicos. E foram famosas as procissões dos penitentes e os castigos corporais aplicados ou tolerados pela Inquisição para levar à confissão e arrependimento os suspeitos de heresia: castigar-lhes o corpo para salvar as almas.

Em certas épocas, o *martírio* e a *virgindade* foram tidos como os grandes modelos da perfeição, a que se deveria aspirar. Por seu lado, a vida cenobítica, sob as formas mais estranhas, foi-se desenvolvendo; e «oficialmente» os melhores eram os mais penitentes, os mais mortificados com jejuns rigorosos e flagelações programadas, para se libertarem do «inimigo da alma», seu invólucro provisório e perigosa prisão de inspiração platónica.

2. Em geral a *Patrística* preocupou-se especialmente com a *natureza da alma humana* e os modos de a purificar e libertar dos perigos em que anda enredada. A influência da filosofia grega-pitagórica, estóica, gnóstica e, sobretudo, platónica por meio de Santo Agostinho, entrou e marcou a mentalidade cristã de modo estável e profundo.

Entretanto, algumas correntes derraparam para a heresia. Entre elas tornaram-se tristemente famosas algumas correntes mais radicais:

a. O *Docetismo*, ou seja, a heresia que esvaziava o conteúdo da redenção, ao defender que o corpo de Cristo era pura aparência; o que Jesus fizera não teria passado de um teatro, uma farsa de má qualidade.

b. O *Rigorismo*, ainda mais radical, proibia toda e qualquer expressão material, referente ao corpo de Jesus Cristo, como indigna ofensa à divindade.

c. O *Maniqueísmo* defendia que tudo o que existe na criação resulta de dois princípios antagónicos: o *princípio do bem* e o *princípio do mal*, do puro e do impuro, da luz e das trevas. O princípio do bem seria espiritual e o do mal corporal; aquele gera os espíritos que se conspurcariam ao contactarem com os corpos, produzido pelo princípio material. Para escaparem à destruição maligna, haveria que tentar permanente libertação e purificação.

Os Padres da Igreja empenharam-se a fundo para defenderem a Verdade e bondade da criação e nomeadamente das pessoas, criadas segundo a imagem do Criador.

Por outro lado insistiram na autenticidade da redenção que implicava que a Encarnação, Morte e Ressurreição não fossem fingidas, mas realizadas por Cristo, simultaneamente verdadeiro Homem e verdadeiro Deus. Entre todos destacaram-se S. Leão, Santo Ireneu, S. Gregório de Niceia e S. Gregório de Nazianzo.

d. No século XII tornaram-se tristemente famosas as heresias dos *cátaros* e *albigenses*. No sul de França, defendendo a ideia de *pureza integral*, separavam-se e enriqueciam-se nas montanhas, em fortalezas bem estruturadas, para defender os «puros» e atacar os «perdidos».

Uma das decisões de S. Domingos foi tentar dialogar, a nível filosófico e teológico, com esses «filhos da gnose». Nesse sentido fundou a Ordem dos Pregadores. Foi S. Tomás que escreveu dois tratados — «De Veritate» e «Contra Gentiles» — para promover o diálogo com os hereges, em vista da sua recuperação pelo esclarecimento pertinente.

e. Mais ainda: deu-se mais um passo decisivo na deterioração do conceito do ser humano com as perspectivas de *R. Descartes*. As épocas moderna e contemporânea foram negativamente marcadas pelo ensino deste filósofo. Retomou e ainda deteriorou os funestos princípios pitagóricos e platónicos ao reduzir os corpos à extensão, funcionando de modo mecanicista. E nesta perspectiva é incluído o corpo humano, cuja alma é reduzida à função de pensamento, que instrumentalmente usaria o corpo. A unidade é apenas funcional e o corpo não passaria de uma prisão, a suportar provisoriamente.

Esta orientação mecanicista alimentou as correntes materialista e idealista, de que ainda sofremos as nefastas consequências.

3. *Oficialmente a Igreja*, a nível dos princípios, defendeu alguns aspectos da verdade da pessoa humana, simultaneamente corpo e espírito.

a. Desde o início da comunidade cristã, alguns Padres da Igreja insistiram na *verdade da encarnação de Jesus Cristo*, como já foi referido.

O Concílio de Viena, em 1311-1312, defendeu a doutrina da unidade fundamental do corpo e da alma. As actividades humanas e a respectiva responsabilidade, deveriam ser atribuídas à totalidade.

b. Não há dúvida que os notáveis *fundadores* e *orientadores espirituais* tiveram a intuição adequada para manterem um equilíbrio sensato. Basta citar S. Bento, S. Basílio, S. Bernardo, S. Domingos, S. Francisco, Santa Catarina de Sena, Santa Teresa d'Ávila e S. Francisco de Sales.

Entre as diversas teorias, a hilemórfica ensina que em todo o ser corpóreo há dois princípios filosóficos de composição — *a matéria prima* e *a forma substancial*, anteriores e independentes das mais de nove dezenas de elementos fundamentais, a que a química chama elementos componentes das moléculas, átomos, etc.

c. O que interessa para o caso é a distinção entre *corpos, organismos vivos, componentes somáticos animados*, como acontece nos animais e nas pessoas com especial originalidade.

A pessoa, enquanto corpo, é constituída por partículas do cosmos material. Enquanto animado ou vivo, está submetido às leis do acontecer físico-químico da vida orgânica. O corpo humano é constituído, desde a base, por uma forma original, resultante do encontro eficaz dum óvulo e dum espermatozóide, cada um com 23 pares de cromossomas, de que resulta o *ovo com 46 pares*, próprios da espécie humana. Enquanto considerado como fazendo uma unidade substancial com a alma, o todo funciona de modo original: a actividade vital, vegetativa e sensitiva, é integrada na capacidade intelectual a desabrochar ou já em exercício. Assim sendo, a vida intelectual e sensitiva influenciam-se mutuamente, de muitos e variados modos. Efectivamente, o somático e o psíquico dependem reciprocamente um do outro, do meio e das circunstâncias.

A pessoa é um sistema aberto, composto de vários sub-sistemas interdependentes. A vida pessoal de conhecimento, relacionamento e exercício da liberdade, estão mutuamente condicionados; o funcionamento psicossomático inclui as vivências humanas, a consciência ética e estética, capaz de avaliação do bem e do mal. A pessoa, integradamente, tanto corpo quanto espírito, tudo nela participa da capacidade de avaliação.

d. Se é verdade que a nefasta influência gnóstica e platónica influenciaram negativamente a correcta apreciação do corpo, privilegiado o «tanatos» sobre o «eros», também é certo que a nível doutrinal, sempre foi defendida a autenticidade do corpo de Jesus Cristo: «nós pregamos um Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos» (I Cor. 1, 33).

Como é sabido, esta atitude paulina resultou da experiência negativa em Atenas, quando, após discurso bem elaborado sobre a ressurreição pessoal dos corpos, teve como resultado ser despedido com a delicada promessa de que o ouviriam posteriormente (cf. Act. 17, 32). A mudança era demasiado violenta para quem, ao longo das gerações se falara da laboriosa *transmigração*, desde os pitagóricos, platónicos, estóicos e epicuristas. Séneca insistia que a harmonia e a liberdade exigem o domínio integral do corpo que prende a alma.

e. Efectivamente, desde a encarnação do Verbo, Deus tornou-Se histórico, definitiva e integralmente homem, num corpo pelo qual vive, conhece, relaciona-Se com o meio, assumindo e recapitulando tudo e todos na morte, ressurreição e ascensão. O corpo não deveria mais ser considerado funesto cárcere de alma em doloroso trânsito purificador. Deus optou por assumir uma natureza humana histórica, na linha da ontogénese, desde a primitiva situação química pré-celular, passando pela complexa gramática genética do ADN e respectiva capacidade de replicação, aprendizagem, adaptação e retransmissão codificada do aprendido.

Jesus entrou nesta dinâmica de crescente complexificação que o genoma humano recapitula, retransmite, passando a fazer parte de uma história aculturada. Jesus, após nove meses de gestação, nasceu numa modesta família judia, de Nazaré, tendo de se adaptar ao meio ecológico, social, cultural e afectivo tanto no Egipto como na Palestina, onde assumiu a profissão de artesão. De facto a encarnação inclui a aculturação e inculturação.

Consciente da própria missão tornou-Se, contra a vontade da Família, um pregador ambulante, anunciando a libertação e libertando eficazmente as pes-

soas dos males e do mal. Não tendo onde reclinar a cabeça, experimentou a traição, a solidão, até a morte infamante na Cruz. Mas tudo concluiu na ressurreição gloriosa, causa da nossa, que esperamos na fé esclarecida, como uma «recriação».

f. É evidente que *S. Tomás e a escola tomista* tiveram um papel determinante na apreciação equilibrada do conceito da Pessoa. Correndo riscos medidos e claramente contra a corrente, S. Tomás arriscou estudar a filosofia de Aristóteles e introduzi-la na «doutrina» católica. Defende, como uma radical necessidade para defesa da verdade humana, a *unidade substancial do corpo e da alma*. A esta «unidade», denominada realismo, dedicou-lhe toda uma importante questão na *Suma Teológica* (cf. *S.T. I, 76*) e em várias outras ocasiões.

Em nome da verdade histórica, diga-se que esta perspectiva teve muita dificuldade em ser integrada nos comportamentos da Igreja Romana e ainda mais nas Igrejas da Reforma, influenciadas pelo platonismo e o pessimismo acerca da natureza humana decaída.

g. *A Renascença*, em nome de um certo humanismo, quis recuperar alguns valores do corpo pelo desporto; e a arte insistiu, por vezes, desmedidamente, no culto do corpo. A Igreja Romana tapa algo do nú total, mas valoriza a expressão corporal, de que Miguel Ângelo é um grande expoente dessa corrente.

A certa exacerbação sexual, seguiu-se uma resposta *rigorista e puritana*, chegando a atitudes nitidamente heréticas de tipo jansenista que ainda, de modo mais ou menos envergonhado, prevalece em certos sectores pouco abertos ao esclarecimento e resistentes à mudança incómoda.

h. *A Época Moderna* centrou-se sobre o ser humano, mas desligado das explicações filosóficas transcendentais. Desenvolveu-se o imanentismo, assim como os direitos humanos, a partir do núcleo do ideário da Revolução Francesa: «igualdade, liberdade e fraternidade». Certa cultura construiu-se à margem ou até contra a Igreja. Todavia, a perda das raízes e a insistência sobre o existencial e o experimentado, fez perder as perspectivas das raízes e do projecto para além do tempo cosmológico, com influência negativa sobre os valores éticos dos comportamentos humanos.

i. Numa linha diversa do existencialismo e dos modelos marxistas, surgiu uma corrente *neotomista*, desde Leão XIII, com certa eficácia. Pio XII teve intervenções ajustadas e tornaram-se notáveis Sertillanges, Maritain, Mounier, Chenu, Mouroux, Chirpaz, Jaspers, Nédoncelles, Marrou, Marcel, Congar, etc. Estes e outros influenciaram eficazmente os Padres do *Concílio Vaticano II*, onde prevaleceu a sadia orientação do realismo tomista. De modo explícito constata-se, por exemplo, nos n.ºs 14 e 41, da *Gaudium et Spes*. Aí, de modo sadio, é integrada e equilibradamente expressa a doutrina do sentido cristão do corpo humano, criado e destinado à ressurreição e à felicidade. O ser pessoal é integralmente corpo e integralmente alma, que formam uma unidade substancial e pessoal, concretizada numa personalidade histórica.

Esta doutrina realista tende a impôr-se nos meios eclesiais, e não só, nomeadamente pelas intervenções antropológicas do magistério doutrinal de João Paulo II, marcadamente tomista.

4. Chegados a este ponto, parece-nos o momento oportuno de perspectivar a matéria, tendo em vista o exercício correcto da Medicina com atitudes éticas adequadas, num contexto sadiamente cristão, ou seja, o significado da pessoa, corpo e alma, unidos como uma substância única, tanto no ser como no agir.

A *noção de corpo físico* inclui, primariamente, o conceito de *extenso*, ocupando um *espaço limitado*. Na medida que é quantidade, é divisível em partes individuais independentes, sendo estas da mesma natureza, que se situam em forma contínua ou descontínua. Todavia, nos *seres orgânicos* as partes existem como uma *extensão contígua heterogénea*. Mais ainda: o todo só poderá sobreviver na própria identidade mediante a continuação unificada das partes vitais; outras partes do organismo poderão ser amputadas, perdendo a integridade, mas não a sobrevivência. Neste sentido, os corpos *excluem-se* visto que não podem ocupar simultaneamente o mesmo espaço devido à *impenetrabilidade*.

5. Assim sendo, é pertinente a definição do ser humano como *animal (género) racional (espécie)* ou microcosmos, integrando bases moleculares, biológicas, ecológicas e sociológicas. Esta complexidade da morfogénese com sentido finalístico de racionalidade e liberdade, a desentranhar e a viver, concretiza-se, pois, em cada pessoa como *sistema aberto*. Tudo o que existe na mente passa pela mediação corpórea dos sentidos; corpo e espírito, numa simbiose de unidade integrada, funcionam como um todo. A mente funciona pela mediação cerebral, cuja informação consegue por uma cadeia típica: química, celular, orgânica, sentidos e neurónios, numa relação integrada sob a *lei geral da cooperação e complementaridade* recíprocas em busca da realização do todo, a felicidade antropológica em que entra a ética e a estética, integralmente corpo e espírito.

Daqui segue-se que cada pessoa não pode dispor do seu corpo e vida pelo suicídio, nem do dos outros pelo homicídio. Além disso, a virtude e os valores devem ser desenvolvidos seguindo a ponderada recta razão, tendo em conta o sentido pleno da vida pessoal e o bem comum a promover. De facto, os bens humanos são simultaneamente somáticos e psíquicos, pessoais e universais, devendo respeitar-se a si, respeitar e amar os outros como eles precisam.

A «lei natural» implica que a vida é sagrada — «não matarás»; antes devemos proteger e estimular uma vida de qualidade. O bom uso do corpo humano é exigido por ser dom de Deus, porque criados à Sua imagem. É pelo corpo e no corpo que se acolhe o transcendente e se exprime a fé e a religião no nosso relacionamento com Deus, de que somos templo.

Na encarnação, Cristo veio assumir, de modo original, tudo o que é humano e criado. Instituído a Igreja e os Sacramentos, indica-nos o significado, o realismo e o valor da pessoa, que também é corpo humano que se destina à glória.

O olhar, o entendimento médico sobre o ser humano deverá ser de resposta, estudo, atenção e atitude terapêutica adequada, como apoio e desenvolvimento da criação que livremente regressa ao Criador. «A medida de todas as coisas é a pessoa», dizia Protágoras; Cristo veio revelar a comum dignidade de sermos filhos de Deus e irmãos uns dos outros, com idêntica dignidade, ainda que com diferente responsabilidade, dependente da capacidade e da vocação pessoal.

É função da ciência, da filosofia e da teologia continuar as pesquisas sobre a pessoa e os «mistérios» que ainda encerra o corpo humano. Aos médicos cabe-lhes a missão de tratar do todo, com competência, dedicação e respeito inquiridor, pelo corpo de Cristo que somos, tentando decifrá-lo cada vez mais adequadamente, valorizando o sentido do corpo e da afectividade de que demasiado tempo se desconfiou e até desprezou insensatamente.

Mas este mundo não é propriamente um degredo nem um «vale de lágrimas...», é um cosmos interessante apesar da ambiguidade envolvente.

BERNARDO DOMINGUES, O.P.

## O direito da Família \*

### 1. Introdução

*O Direito da Família* foi o título que me propuseram para as palavras que vou dizer-vos. Pensei que uma exposição sobre todas as normas que se referem às relações familiares — além das normas civis, as normas penais, as normas fiscais, as relativas à segurança social, etc. — seria seguramente muito maçadora e de todo inadequada aos objectivos daqueles que em boa hora organizaram estas Jornadas. Decidi, pois, principiar por me colocar num momento anterior à produção legislativa, procurando esclarecer os problemas que se deparam ao jurista ainda antes de legislar sobre a família, e ir dando a propósito exemplos relativos ao ordenamento jurídico português.

Os problemas que o legislador enfrenta resumem-se aos seguintes binómios: privatização da família/intervenção do Estado; individualismo / perspectiva comunitária; pluralismo / reconhecimento de um modelo único de família; contacto com a realidade / afirmação de valores;

### 2. Privatização da família ou intervenção do Estado?

Fala-se na privatização da família para significar que o Estado não deve interferir nas relações familiares, pois estas constituem um assunto privado. Consequentemente, o Estado também não deve proteger as famílias, nem auxiliá-las, nem compensá-las, por exemplo, dos custos inerentes à importante tarefa social de gerar e educar os novos membros da comunidade. A este propósito tem-se falado do *princípio da subsidiariedade da intervenção do Estado*. É um bom princípio quando entendido no sentido de que o Estado não se deve substituir às responsabilidades das famílias. No entanto, como veremos mais à frente, não é aconselhável que o Estado se limite a intervir apenas nas situações que as famílias não conseguem resolver por si. Nos Estados Unidos começam a verificar-se os resultados desastrosos decorrentes do facto de se ter considerado a família como pertencente a uma esfera puramente privada, em que o Estado só podia legitimamente imiscuir-se quando fosse estritamente imprescindível, e apela-se agora de novo para a necessidade de protecção legal da família enquanto entidade. Na verdade, a privatização da família levou à excessiva protecção dos indivíduos que a compõem e à desvalorização dos interesses da família como um todo. Em

\* Conferência proferida no âmbito das Jornadas de Reflexão sobre a Família, promovidas pela Escola Superior da Imaculada Conceição (Porto, 5 de Maio de 1994).